

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

© Vários autores, 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

ORGANIZADORES

Clotilde Perez, Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Márcia Pinheiro Olhson

DIREÇÃO EDITORIAL

Kathia Castilho e Solange Pelinson

REVISÃO

Leoberto Balbino

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE

Marcelo Max

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P146 PPGCOM USP 50 anos : entre o passado e o
1.ed. futuro, nosso percurso / organizadores
Clotilde Perez...[et al.]. – 1.ed. –
São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2023.

Outros organizadores: Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de
Lopes, Márcia Pinheiro Olhson.

ISBN : 978-65-5029-027-6

1. Ciências sociais. 2. Comunicação. 3. Pesquisa – Aspectos sociais.
4. Pós-Graduação. 4. Professores – Formação. I. Perez, Clotilde. II. Trindade,
Eneus. III. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. IV. Olhson, Márcia Pinheiro.

03-2023/64

CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Estação das Letras e Cores Editora

Av. Real, 55 – Aldeia da Serra

06429-200 – Barueri – SP

Tel.: 55 11 4326-8200

 www.estacaoletras.com.br

 facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora

 [@estacaodasletrasecores](https://instagram.com/estacaodasletrasecores)

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

2023



Obra financiada pelo:

PROAP
Programa de Apoio à
Pós-Graduação



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



**Estação
das Letras
e Cores**

Um percurso epistemológico para a pesquisa de comunicação

Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Ao modo de apresentação

Desenvolvo aqui um texto autorreflexivo, ao modo de uma autobiografia intelectual, que reconstrói momentos-chave da vida da autora a fim de esclarecer a sua inserção no campo da pesquisa/docência dos estudos da Comunicação. Costuro aqueles em que produzi trabalhos mais de corte epistemológico/metodológico, que visaram tanto a construção de uma teoria da pesquisa empírica em comunicação quanto uma reflexão metodológica *lato sensu* sobre a prática da pesquisa comunicacional, que venho desenvolvendo na disciplina “Metodologia da Pesquisa em Comunicação”, que leciono anualmente dentro do PPGCOM-USP. Ambos os aspectos, tanto a teoria como a prática da pesquisa, têm estado presente ao longo de meu trabalho acadêmico sobre os objetos empíricos que escolhi¹ para pesquisar e que envolveram o Popular como fenômeno de comunicação.

Desde este início, expresso um esforço deliberado de reflexividade, uma tentativa de autoanálise tentando relacionar vida e

¹ A escolha dos temas de pesquisa dificilmente é responsabilidade exclusiva do pesquisador, antes, ela deve ser creditada a fatores subjetivos e objetivos, tanto micro como macrossociais de suas condições de existência.

empreendimento intelectual e de firmar os princípios que nortearam certa coerência no pensamento e na ação, um pulso sobre o afeto e a razão. Busco aplicar na desconstrução e reconstrução dessa trajetória o próprio método que fui lapidando ao longo de meu trabalho acadêmico. E afirmo ter escolhido como meu programa forte de estudo dois objetos da Comunicação – a Metodologia e a Telenovela – combinação que parece tão esdrúxula, à primeira vista, mas que, em verdade, dão completa organicidade a esse programa. Explico: meus trabalhos metodológicos me fazem compreender melhor a complexidade da telenovela e tanto como o trabalho com a telenovela coloca desafios metodológicos e epistemológicos à pesquisa de Comunicação. Também posso afirmar que são as duas entre as minhas realizações que mais tiveram repercussão na área. Para fins de exposição, porém, vou aqui dividir esses dois objetos de estudo.

1. A busca da pesquisa como empreendimento intelectual de vida, ou o longo percurso para a pesquisa de Comunicação

A pesquisa constituiu-se em objeto de meus estudos a partir da graduação, realizada no curso de Ciências Sociais da USP. Tive a sorte de estudar nesse curso em um momento em que ele se configurava como a ponta de lança da crítica intelectual e pública ao regime militar (1964-1985) e como celeiro de nomes marcantes que formavam a chamada “escola paulista de Sociologia”, em torno da figura de Florestan Fernandes. Acredito que devo à formação que ali tive à disposição que desenvolvi o diálogo permanente, ainda que tenso e conflituoso, entre as diferentes linhagens paradigmáticas e teóricas que têm marcado a história das Ciências Humanas e Sociais. Resumo com o pensamento de Florestan Fernandes o que hoje se definiria como “transgressão teórica”: numa pesquisa se podia usar indistintamente autores marxistas e funcionalistas? Florestan respondia a isso de uma maneira extremamente contemporânea ao dizer que dependendo do objeto, autores de outra matriz teórica que não fosse aquela de base do autor podiam ser assimilados, desde que houvesse um trabalho de

apropriação dialética. Dialectizar ou confrontar criticamente os autores sem cair num ecletismo teórico ingênuo. Isso afirmado em plena década de 1960, quando hoje, os mais incautos (“pós-modernos”?) acreditam que a problemática da diversidade de paradigmas teóricos é da última hora.

As questões da diversidade (vetor de dispersão) e da integração (vetor de convergência) teórica e metodológica das Ciências Sociais e Sociais marcou-me profundamente e foi responsável por me treinar um certo olhar interno, próprio da crítica epistemológica sobre as teorias em geral.

Outro ponto marcante foi o interesse por certos temas, em um nascente interesse pela sociologia da comunicação e da cultura. No fenômeno da comunicação de massa já me chamava a atenção não tanto a massificação, mas a preferência manifestada por públicos diversos pelos mesmos programas. O que o povo mais gostava de ver e de ouvir? Por quê? Queria aliar meu interesse pelo estudo da ideologia dominante a uma tendência inata pelo popular. Pretendia fazer um trabalho sobre Sílvio Santos desde que eu cursava a graduação. Outro tema que me sensibilizava era o das migrações que incidia exatamente sobre a questão da modernização em países subdesenvolvidos, no caso, o Brasil, onde coexistiam temporalidades e espaços vividos profundamente diferentes. Acabei por ingressar na pós-graduação da ECA e por trabalhar na conjunção desses dois interesses, o do massivo com o popular e o tema da marginalização social, do que resultou minha dissertação de mestrado, publicada como “O Rádio dos Pobres. Comunicação de massa, ideologia e marginalidade social” (LOPES, 1988).

O objeto dessa dissertação situava-se no trânsito interdisciplinar entre comunicação, sociologia e semiologia. Tinha por foco três programas populares de rádio e seu público de baixa renda. Tentei trabalhar com a dimensão sociológica do público, a dimensão semiológica do discurso radiofônico e a dimensão comunicacional entre as duas. Apresentava uma abordagem de base marxista, operando combinações teóricas e metodológicas diversas. Hoje, esse trabalho é tido como um dos precursores dos estudos de recepção. Estão lá a pesquisa de campo e a interpretação teórica dos dados

empíricos; ainda, a dimensão da microestrutura do cotidiano e dos programas de rádio e a macroestrutura da sociedade brasileira a legitimar a marginalidade social e os meios de comunicação que exerciam a hegemonia cultural junto às camadas populares.

Depois do mestrado, começo outra fase da minha trajetória de estudos. Ela tem a ver com a decisão de fazer um **doutorado sobre a pesquisa de Comunicação**, ou seja, uma pesquisa sobre a pesquisa, uma tese metodológica, que é afinal, uma pesquisa epistemológica. O projeto inicial era analisar o estado da arte da pesquisa de Comunicação no Brasil, sua constituição como campo de estudos interdisciplinares, suas áreas e linhas de pesquisa. Depois, ao longo do processo, o projeto foi ganhando um perfil nitidamente sobre a prática metodológica ao dirigi-lo para a análise interna de dissertações e teses sobre Comunicação Popular. Novamente, refaço as ligações com minhas raízes. Volto-me para a releitura da obra teórica de Florestan Fernandes. O modelo metodológico para a pesquisa de Comunicação que acabo propondo na tese de doutorado tem tudo a ver com ela. Persegue o rigor metodológico sem deixar de lado a “imaginação metodológica” do ofício de pesquisador. Propõe elaborar a pesquisa atendendo às demandas metodológicas expressas em níveis e fases que se articulam formando um modelo em rede. Reafirmo o princípio de que toda pesquisa é uma construção do investigador, ao mesmo tempo em que ela determina a prática desse investigador. Liberdade e determinismo – a eterna batalha que se manifesta ao longo de todo processo de pesquisa.

2. Um Modelo Metodológico de pesquisa empírica de comunicação

Após a defesa do doutorado, firmei duas linhas de interesse na Pós-Graduação da ECA: Metodologia da Pesquisa em Comunicação e Comunicação e Cultura Popular. Nelas moldei o *habitus* que imprimiria à pesquisa e à docência: o trabalho transversal às disciplinas estabelecidas, a vigilância epistemológica do pensamento teórico e metodológico e o prazer pela pesquisa empírica.

O Modelo Metodológico para a pesquisa de Comunicação que acabei propondo na tese de doutorado foi publicado com o título de *Pesquisa em Comunicação. Formulação de um modelo metodológico* (LOPES, 1990) e tem tudo a ver com esse meu *habitus*. Persegue o rigor metodológico sem deixar de lado a “imaginação metodológica” do **ofício do pesquisador**. Esse modelo metodológico é uma de minhas duas realizações que mais teve repercussão na área. A outra é a telenovela de que falarei adiante.

As observações que se seguem derivam desse modelo e dos trabalhos que desenvolvi, aprofundando-o e ajustando-o seja na sala de aula seja nas pesquisas. É um modelo metodológico para a pesquisa empírica de Comunicação e ele se tornou referência central em meus trabalhos sobre a epistemologia, a teoria e as práticas da pesquisa. Ele propõe planejar e realizar a pesquisa atendendo a demandas de operações metodológicas que se expressam em níveis e fases que se articulam formando um modelo em rede. Defino a metodologia da pesquisa como um processo de tomada de decisões e opções que estruturam a investigação em níveis e em fases que se realizam num espaço determinado, que é o espaço epistêmico. Minhas referências básicas nesse modelo são: Bachelard, Bourdieu, Piaget, Florestan Fernandes, Wallerstein, Vattimo, Morin e Martín-Barbero.

Seu enfoque é metodológico *lato sensu*, isto é, interno ao fazer científico e onde ele se confunde com a reflexão epistemológica. Dois pontos destacam-se nesse enfoque. O primeiro é que a epistemologia é tratada ao nível histórico e operatório, na tradição de Bachelard (1949, 1972, 1974), isto é, como sendo um nível da prática metodológica, entendendo-se, portanto, que a reflexão epistemológica opera internamente à prática da pesquisa. A reflexão epistemológica é a operação metodológica de entrada e se desenvolve através de ações de permanente vigilância e de autocontrole sobre a prática da pesquisa e dela resulta a *autonomia relativa da pesquisa*. Em outros termos, a crítica epistemológica rege os critérios de validação interna do discurso científico. O segundo ponto a destacar é que a reflexão epistemológica é necessária, mas não é suficiente se não for combinada aos critérios de validação externa apoiados na crítica feita pela sociologia

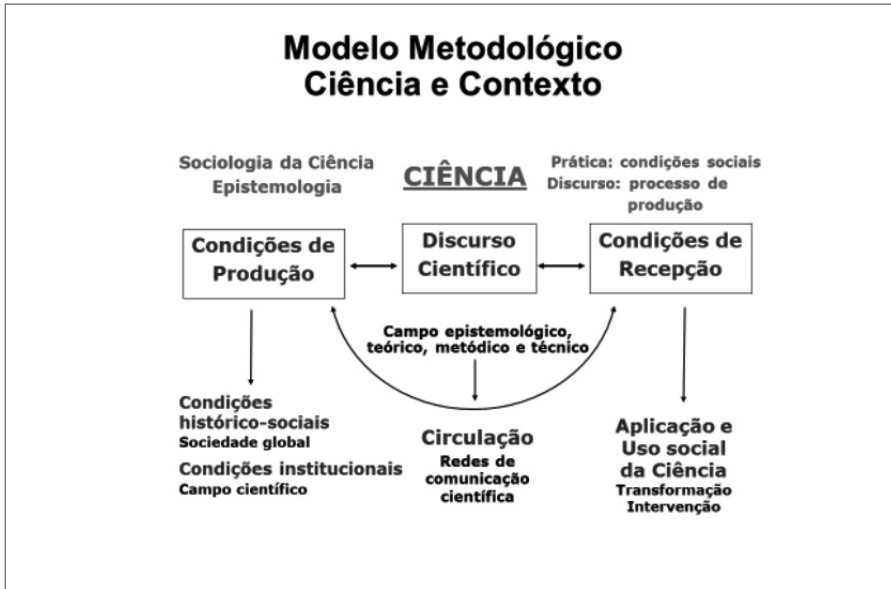
do conhecimento. Como recurso de crítica epistemológica da pesquisa de Comunicação, retomo algumas concepções da sociologia da ciência. E aqui encontro correspondências com o conceito de *sociedade da comunicação generalizada*, de Vattimo (1992) e *de agenda de nação na pesquisa*, de Martín-Barbero (2009).

As condições de produção da pesquisa no Modelo Metodológico

De acordo com a sociologia da ciência, a ciência é vista como um sistema empírico de atividade social que se define por um certo tipo de discurso decorrente de condições concretas de elaboração, difusão e desenvolvimento. São as condições de produção que definem o horizonte dentro do qual se movem as decisões que permitem falar de uma certa maneira sobre um certo objeto. Em outro texto (LOPES, 1997), indiquei que as condições de produção de uma ciência podem ser resumidas em três grandes contextos. O primeiro é o *contexto discursivo*, no qual podem ser identificados paradigmas, modelos, instrumentos, temáticas que circulam em determinado campo científico. Trata-se propriamente da história de um campo científico, os percursos pelos quais ele vem se constituindo, firmando suas tradições e tendências de investigação. O segundo é o *contexto institucional*, constituído por mecanismos de mediação entre as variáveis sociológicas globais e o discurso científico e que se realizam como dispositivos organizativos de distribuição de recursos e de poder dentro de uma comunidade científica. Corresponde ao que Bourdieu (1983) chama de “campo científico”. E o terceiro fator, o *contexto histórico-social*, é onde residem as variáveis sociológicas que incidem sobre a produção científica, com particular interesse pelos modos de inserção da ciência e da comunidade científica dentro de um país ou no âmbito internacional.

Segue-se que o conhecimento científico é sempre o resultado desses múltiplos fatores, de ordem científica, institucional e social, os quais constituem as condições concretas de produção de uma ciência. Esse discurso científico tem suas condições próprias de circulação e de recepção, através das quais é socializada e aplicada visando a intervenção e a mudança sociais. É o que pode ser visualizado no gráfico 1.

Gráfico 1



O processo de produção da pesquisa no Modelo Metodológico

Falar de metodologia implica sempre um “falar pedagógico”, pois parte-se, de todo modo, de uma determinada concepção de pesquisa ou, mais propriamente, de uma determinada teoria da pesquisa que é concretizada na prática da pesquisa. O efeito desse falar remete invariavelmente a um “como fazer pesquisa”. Assim, sublinho que as presentes ponderações derivam de minha prática com o ensino de metodologia no PPGCOM-USP, com a avaliação institucional de projetos de pesquisa de Comunicação, além, é claro, de minhas próprias experiências de investigação. Isso tem me dado, no mínimo, a possibilidade de basear minhas concepções na crítica à prática concreta da pesquisa, notadamente, a brasileira.

São *dois princípios básicos* que regem esse modelo: 1) a reflexão metodológica não se faz de modo abstrato porque o saber de uma disciplina não é destacável de sua implementação na investigação. Portanto, o método não é suscetível de ser estudado separadamente das investigações em que é empregado; 2) a reflexão metodológica não só é

importante como necessária para criar uma atitude consciente e crítica por parte do investigador quanto às operações que realiza ao longo da investigação. Deste modo, torna-se possível internalizar um sistema de hábitos intelectuais, que é o objetivo essencial da metodologia.

Quero ressaltar que um ponto central dessa concepção de pesquisa é a noção de modelo que ela acarreta. Seu postulado é a autonomia relativa da metodologia, isto é, um domínio específico de saber e de fazer e o decorrente trabalho metodológico reflexivo e criativo.

Mas por que construir um modelo metodológico para a pesquisa de Comunicação? Como lembra Granger (1960), a tarefa da ciência é a construção de modelos que objetivam a experiência, mesmo que sua realização seja sempre aproximativa, uma vez que o trabalho científico assenta sobre uma inadequação, uma tensão sempre presente entre o pensamento formal e a experiência humana que pretende conceituar. Talvez seja na presença mesma dessa tensão entre o discurso científico e o real que se assenta o ideal de compreensão da ciência.

O modelo metodológico que apresento articula o campo da pesquisa em níveis e fases metodológicas, que se interpenetram dialeticamente, do que resulta uma concepção simultaneamente topológica e cronológica de pesquisa. A visão é a de um modelo metodológico que opera em rede. O eixo paradigmático ou vertical é constituído por quatro níveis ou instâncias: epistemológica, teórica, metódica e técnica; o eixo sintagmático ou horizontal é organizado em quatro fases: definição do objeto, observação, descrição e interpretação. Cada fase é atravessada por cada um dos níveis e cada nível opera em função de cada uma das fases. Além disso, os níveis mantêm relações entre si e as fases também se remetem mutuamente em movimentos verticais, de subida e descida (indução/dedução, graus de abstração/concreção) e em movimentos horizontais, de vai e vem, de progressão e de volta (construir o objeto, observá-lo, analisá-lo, retomando-o de diferentes maneiras).

Esta aplicação vem sendo testada concretamente em projetos de pesquisa de Comunicação nos cursos de graduação, porém, sua aplicação tem se dado fundamentalmente nos de pós-graduação. Devido ao lugar “estratégico” que venho ocupando, tenho tido a oportunidade

especial de avaliar muitos desses projetos de pesquisa e de acompanhar os usos do modelo nos projetos de pesquisa dos alunos.

Como modelo de prática metodológica ou de construção metodológica de pesquisa, o modelo incide não na superfície do discurso, mas no nível de sua estrutura onde se dão as operações de construção do discurso científico. E a pedra de toque é que esse discurso é feito de opções e decisões que implicam a responsabilidade intransferível do autor pela montagem de uma estratégia metodológica de sua pesquisa, o que impõe que as opções sejam tomadas com consciência e explicitadas enquanto tal: uma opção específica para uma particular pesquisa em ato.

Construir metodologicamente uma pesquisa implica, então, em adotar uma teoria da pesquisa que constrói sua estrutura em níveis e fases e em operar, praticar as operações metodológicas através das quais cada nível e cada fase se realiza.

Não cabe aqui fazer uma exposição do modelo, feita em outro lugar (LOPES, 1990), mas destacar que o trabalho com o modelo metodológico me levou naturalmente a pesquisar tópicos de “estudos do campo” em que o apliquei. Cito, por exemplo, um projeto de pesquisa nacional sobre os egressos dos cursos de graduação de Comunicação, de base quantitativa, cuja estratégia metodológica apresentei na minha tese de livre-docência (LOPES, 1998). Também aí coloco meu interesse pelos estudos bibliométricos², em que a combinação da metodologia de banco de dados com a metodologia visual da teoria dos grafos me permitem entender certos aspectos do funcionamento do campo.

Também credito a esse modelo metodológico minhas incursões no processo de institucionalização do campo da Comunicação no Brasil. Refiro-me à organização da Pós-Graduação em Comunicação no país, retomando meu original projeto de pesquisa de doutorado sobre o estado da arte da pesquisa de Comunicação. Em verdade, são três os tópicos que me interessam nos processos de institucionalização do

² Ver, por exemplo, Lopes; Romancini (2006, 2009).

campo da Comunicação no Brasil: 1) o desenvolvimento da pós-graduação, onde se fixa a pesquisa acadêmica; 2) os debates organizados pelas sociedades científicas da área; 3) a difusão do conhecimento da área.³

3. As pesquisas sobre telenovela e o projeto OBITEL

Retomo o que afirmei no princípio sobre a segunda de minhas realizações que obteve repercussão na área. Como disse, a consciência do papel do intelectual crítico num país periférico e a necessidade de eleger objetos importantes de pesquisa levaram-me aos estudos do popular em comunicação. A filiação gramsciana, combinada aos estudos culturais e à tradição dos estudos de comunicação latino-americanos de recepção estão na base de dois estudos de recepção, de rádio e de telenovela, ambos com forte preocupação metodológica. O primeiro, que já reportei acima, dos anos 1980, combinava metodologia quantitativa e qualitativa na recepção do discurso radiofônico e o segundo, dos anos 1990, teve por objetivo principal traduzir metodologicamente a teoria das mediações de Martín-Barbero (2001) numa pesquisa de recepção de telenovela.

Aqui eu reencontro meus temas de interesse permanente: a exploração metodológica e a vertente do popular, agora atualizados através do paradigma das mediações que, para mim, constitui um marco na perspectiva comunicacional porque se situa no nível epistemológico do objeto da comunicação por combinar múltiplas interfaces disciplinares. Em outras palavras, o paradigma das mediações comunicativas expressa cabalmente o estatuto transdisciplinar do campo da comunicação.

O protocolo metodológico da pesquisa de recepção de telenovela, a que chamei de *protocolo multimetodológico*, pois devia dar conta de múltiplas mediações, combinava métodos qualitativos, como a etnografia, a história de vida, o depoimento, e quantitativos, como o

³ Com referência ao primeiro tópico, estive envolvida em trabalhos que remetem à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP, que exerci entre 2001 e 2012; aos processos de avaliação da CAPES e à organização da pós-graduação na área através da COMPÓS. Quanto ao segundo, minha atuação tem sido no sentido de estimular os debates sobre a pesquisa em associações científicas no país, como a INTERCOM e no exterior (entre outras, está a ASSIBERCOM-Associação Ibero-Americana de Comunicação - que presidi entre 2012 e 2019). E no que tange ao terceiro, está meu trabalho frente à **MATRIZES**, revista do PPGCOM-USP, desde que foi fundada em 2007.

questionário e a escala, além da análise da narrativa ficcional televisiva. Realiza-se aí uma combinação específica de métodos e técnicas “disciplinares”, orientada pela perspectiva transdisciplinar da Comunicação. A estratégia metodológica visava dar conta da assistência conjunta com quatro famílias de condições sociais distintas de uma mesma telenovela, que naquele momento estava no ar – *A Indomada* (GLOBO, 1997). O grupo familiar foi a unidade de pesquisa e os resultados foram de várias ordens: teórica, por ter permitido criar conceitos como “repertório comum”, “contrato de recepção” e “palimpsesto do receptor”; metodológica, por ter explorado a metodologia das mediações em um projeto de pesquisa; e empírica, por ter demonstrado que cada família se apropriava diferentemente dos significados da telenovela no seu cotidiano e “escrevia” sua própria telenovela, o que chamamos de “palimpsesto do receptor”. Esse trabalho foi realizado por uma equipe multidisciplinar e publicado com o título de *Vivendo com a telenovela. Mediações, recepção e teleficcionalidades* (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002).

A ressonância desse trabalho foi grande nos estudos de recepção e também como proposta teórica e metodológica que extrapolava esses estudos. Foi esse último aspecto o que me provocou um crescente interesse pelo estudo da ficção televisiva e, curiosamente, despertou-me a vontade de extrapolar também os estudos de caso em que a telenovela estava então circunscrita. Levou-me a aderir à “palavra de ordem” de Roger Silverstone, pesquisador inglês dos Estudos Culturais, de que era preciso “sair da casa e ir para a rua”, a fim de dar nova dimensão aos estudos culturais de televisão. Foi o que me fez procurar e encontrar em um estágio de pós-doutorado⁴ uma “metodologia de observatório”, como uma resposta para renovar teórica e metodologicamente os estudos de telenovela.

Por isso, não tenho dúvidas de que nesse pós-doutorado aconteceu um novo ponto de fusão de elementos afetivos e intelectuais, de elementos nativos e migrantes, de minha identidade híbrida, como híbrido era o meu objeto de pesquisa – a telenovela – um objeto popular e acadêmico. Uma pesquisadora brasileira na Itália ou uma pesquisadora

4 Fiz esse estágio em 2001, na Universidade de Florença, Itália, junto ao Osservatorio della Fiction Italiana (OFI), coordenado por Milly Buonanno.

“italo-brasileira”, como lá me chamaram e gostei de ser chamada. Descobri que esse hífen parece marcar toda a minha trajetória intelectual, e também de vida. Hífen que representa ponte, travessia, hibridação, duas coisas ao mesmo tempo, a não exclusão, a contiguidade de opostos e de ambivalências, a complexidade, a conexão, enfim, a comunicação. Na Itália, fui viver a minha dupla/múltipla nacionalidade, italiana, brasileira, latino-americana, fui trabalhar com um objeto acadêmico-popular – a telenovela –, estudar como essa narrativa viaja por entre muitas fronteiras e se afirma como narrativa brasileira, como gênero da televisão latino-americana. Espelho da minha própria condição de vida?

Os trabalhos que se seguiram desde então permitiram-me desenvolver conceitos como o de *telenovela como narrativa da nação* (LOPES, 2003) e o de *telenovela como recurso comunicativo* (LOPES, 2009), dentro da experiência do projeto OBITEL.

O Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (OBITEL) constituiu-se, desde sua criação em 2005, em um projeto internacional de pesquisa cujo objeto era o monitoramento anual da produção, circulação, audiência e repercussão sociocultural da ficção televisiva na América Latina e Península Ibérica (LOPES, 2006).

Desde então, o OBITEL vem produzindo análises de natureza quantitativa e qualitativa com o objetivo principal de identificar, por meio do método comparativo, as semelhanças, especificidades, adaptações, apropriações entre as diversas narrativas de ficção produzidas e exibidas pelas televisões dos países da região ibero-americana. Iniciou-se como um projeto intercultural que tinha por objetivos principais: identificar e interpretar as representações que os diversos países fazem de si e dos outros por meio das produções ficcionais de televisão; criar indicadores culturais por meio dos quais tais países constroem e reconstroem cotidianamente elementos de sua identidade cultural; acompanhar os modos como se produzem, circulam e se consomem as ficções televisivas. Esses objetivos têm possibilitado ao Observatório construir, ao mesmo tempo, uma visão mais aprofundada e de conjunto sobre a força cultural e econômica que a ficção adquire através das televisões desses países.⁵

⁵ Atualmente, o OBITEL é formado por 11 grupos nacionais de pesquisa de: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, Estados Unidos (produção hispânica), México, Peru, Portugal, Uruguai e Venezuela.

Hoje, fala-se, mais do que nunca, que as “culturas viajam”, enfatizando a grande mobilidade, as práticas de deslocamento tanto de pessoas como de ideias. E isso remete à dinâmica da importação-exportação intercultural que afeta profundamente a construção e reconstrução das culturas no cenário atual da globalização.

As narrativas televisivas ocupam um papel central nesse processo. Cada vez mais aumentam os fluxos de importação-exportação de ficção televisiva doméstica de um país a outro. Verificamos principalmente o crescente aumento das coproduções concebidas sobre um sentido multi ou transnacional porque destinadas ao consumo de diferentes audiências nacionais. Essa é a lógica que move a produção ficcional nas plataformas de *streaming*.

A ficção é importante para a economia da televisão pela relevância das suas funções e seus significados culturais, embora não haja ainda a esse respeito uma suficiente consciência nos estudos de Comunicação.

Por isso, a tese que sustenta o trabalho do OBITEL é que a *comunicação intercultural* tem na teleficção seu gênero por excelência. Definir o gênero como *categoria étnica* é avançar na percepção do vínculo social cuja existência é reafirmada pela televisão e que lhe permite funcionar como dispositivo de amplificação em uma comunidade de significações, a *comunidade imaginada e narrada*.

Por isso, a ficção televisiva é hoje um enclave estratégico para a produção audiovisual ibero-americana, tanto por seu peso no mercado televisivo como pelo papel que ela joga na produção e reprodução das imagens que esses povos fazem de si mesmos, e através das quais se reconhecem. Só este fato me pareceu suficiente o bastante para tornar indispensável para mim um projeto sistemático e permanente de análise sobre os diferentes sentidos da teleficção no plano nacional, regional e internacional.

Estruturada no Brasil, e também na América Latina, nos anos 1960 e 1970, a telenovela foi um fator determinante na criação de uma *capacidade televisiva nacional* que se projetou não só numa extensiva produção como também numa particular apropriação do gênero, isto é, sua *nacionalização*. Entretanto, isso vai além de modelar o caráter nacional da telenovela. Duas dinâmicas diferentes, mas intimamente conectadas estão envolvidas: uma delas empurra para a integração do

espaço latino-americano e outro mobiliza o mercado mundial. Dentro da América Latina, a telenovela conta com a vantagem de um longo processo de identificação massiva e popular, colocada em movimento desde os anos 1940 e 1950, resultando no que poderíamos chamar de um processo de *integração sentimental* dos países latino-americanos – um padrão de modos de sentir e de expressar, de gestos e sons, ritmos de dança e de cadências narrativas – tornada possível pelas indústrias culturais do rádio e do cinema. Isto quer dizer que, enquanto marco nesta dinâmica de integração – os países em sua pluralidade nacional e diversidade cultural – a telenovela é também o lugar em que intervém a dinâmica da globalização do mercado mundial. A internacionalização da telenovela responde ao movimento de ativação e reconhecimento do que é especificamente latino-americano num gênero televisivo que, de longa data, exporta sucessos nacionais.

Contraditoriamente, sua internacionalização também deve responder ao movimento de progressiva neutralização das características de uma *latino-americanidade* de um gênero que a lógica do mercado mundial pretende converter em transnacional no momento de sua produção. Nesse sentido, o fato mais recente são as crescentes coproduções entre os países latino-americanos e ibéricos com grandes produtoras internacionais, como Netflix, HBO, Disney, Prime. A entrada das telenovelas latino-americanas no mercado audiovisual mundial certamente mostrou o nível de desenvolvimento atingido pela indústria da televisão nesses países e também significou, em alguma medida, o rompimento da linha demarcatória entre o norte e sul, entre países destinados a ser produtores e países destinados a ser exclusivamente consumidores.

O protocolo metodológico OBITEL

A metodologia do OBITEL está na construção e o aprimoramento, ao longo de seus 15 anos de existência, de um *protocolo metodológico* comum, adotado por todas as equipes do OBITEL, que reúne técnicas e métodos de análise quantitativas e qualitativas, o que possibilita uma visão tanto sincrônica quanto diacrônica das

transformações pelas quais vêm passando as indústrias televisivas no âmbito ibero-americano. A visão sincrônica é possibilitada pelo monitoramento anual da produção do país de que resulta um retrato informado, e a visão diacrônica é dada pela série histórica construída ao longo dos anos, o que permite verificar permanências e mudanças, inovações e tendências da ficção televisiva na região.

São três as linhas de pesquisa que confluem no Protocolo Metodológico:

- Uma linha quantitativa-descritiva, com o fim de situar os dados da pesquisa na produção e recepção real da ficção televisiva de cada país.
- Uma linha de análise da produção e recepção, de caráter qualitativa/interpretativa, com o fim de dar conta dos aspectos sociais e culturais inerentes aos conteúdos veiculados na ficção televisiva de cada país.
- Uma linha de análise comparativa, a fim de sintetizar as características e tendências da ficção televisiva ibero-americana, representada pelos 11 países participantes.

O produto deste sistemático trabalho de monitoramento e de análise, no qual convergem metodologias quantitativas e qualitativas, constitui a matéria de elaboração de um *Anuário da Ficção Televisiva Ibero-americana*, que apresenta uma estrutura que se articula em duas partes. A primeira é constituída por um capítulo de análise comparativa entre os 11 países ressaltando semelhanças e diferenças, tendências e inovações. A segunda parte apresenta os capítulos das análises de cada país.⁶

Em nossa experiência no OBITEL, a atenção que damos às questões epistemológicas, teóricas e metodológicas permite que elas

6 O conjunto desse trabalho permanente do Observatório já resultou na publicação de 16 *Anuários Obitel* e nesses 17 anos de sua existência também consolidou parcerias exitosas entre o campo acadêmico, na figura das universidades ibero-americanas que têm apoiado as equipes de pesquisa OBITEL, e o campo profissional – Globo, Universidade do Grupo Globo e os diversos institutos de medição de audiências, notadamente Kantar IBOPE e Nielsen.

sejam renovadas e criadas no estudo de novos objetos comunicacionais, como acontece atualmente com a ficção televisiva nas plataformas VoD, nas redes sociais, as narrativas ficcionais transmídia, as métricas comunicacionais na internet e os novos receptores on-line, como os *virtual fandoms*. Todos esses objetos têm nos levado tanto à pesquisa de comunicação on-line como à pesquisa sobre a comunicação on-line.

A partir dessa perspectiva, é possível afirmar que talvez nunca tenhamos observado, como no momento atual, tão intenso fluxo de conteúdos produzidos pelos usuários e fãs que atravessam diferentes mídias e que são reinventados a partir de cada uma delas, integrando assim o que passou a ser largamente chamada de *narrativa transmídia* ou *transmedia storytelling*.

No momento, sentimos necessidade de aprofundar os estudos de abordagem qualitativa que têm o potencial de iluminar a existência do fã onde ele melhor pode ser entendido, em comunidade de pares, isto é, no chamado *fandom*. O desafio é dar um passo além dos estudos dos conteúdos e trazer à luz os processos estruturantes desse conteúdo, como cultura de fãs, cultura participativa, comunidade de fãs, trabalho de fãs (colaborativo, voluntário, remunerado). Foi isso que quisemos apontar no título do livro publicado *Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira* (LOPES [Org.], 2015c).⁷

Essa é a nossa atual temática de estudo – os *fãs on-line* –, que consideramos herdeira dos estudos latino-americanos de recepção, e que está sendo abordada através de práticas e comportamentos e como audiência ativa e produtora de conteúdos nas diversas redes digitais. Essa abordagem incide principalmente na figura do fã coletivo, isto é, nas comunidades de fãs nas redes sociais. O estudo é teórico com base empírica e, no limite, ambiciona demonstrar que os estudos de fãs na internet são herdeiros da tradição latino-americana dos estudos de recepção e a renovam combinando a permanência e o novo. Desse modo, estamos no OBITEL pesquisando a produção de fãs sobre a ficção televisiva dentro da grande área dos

⁷ Penúltimo livro do OBITEL BRASIL, rede nacional do OBITEL, constituído por 10 grupos de pesquisa brasileiros voltados para a temática da ficção televisiva.

Internet Studies e descobrindo as novas dimensões e os novos sentidos dados por essa produção às nossas teses sobre a telenovela como *narrativa da nação* e como *recurso comunicativo*. Em outros termos, estamos trabalhando os novos sentidos das mediações comunicativas na cultura participativa e compartilhada da era digital.

Ao modo de pequena conclusão

Minha história de vida intelectual, a que tentei dar sentido no que escrevi acima, colocou-me na posição de sujeito e objeto de mim mesma. De um sujeito que se volta sobre seu passado e que deve fazê-lo com as lentes do que é hoje. Por isso, este ensaio de autorreflexão mistura, como não podia deixar de ser, subjetivismo e memória seletiva com a objetivação da produção acadêmica que desenvolvi no campo da Comunicação. E que está resumida no título mesmo deste texto, o interesse pela pesquisa empírica em Comunicação, desde a de recepção até a de fãs na internet e pela história, epistemologia e metodologia desse campo. Com todos os desafios, lutas, perplexidades e prazeres que toda produção de conhecimento implica.

Referências

- BACHELARD, G. **Epistemologia**. Barcelona: Anagrama, 1974.
- BACHELARD, G. **La formación del espíritu científico**. Buenos Aires: SigloXXI, 1972.
- BACHELARD, G. **Le rationalisme appliqué**. Paris: Presses Universitaires de France, 1949.
- BOURDIEU, P. **O campo científico**. São Paulo: Ática, 1983.
- Granger, G-G. **Pensée formelle et science de l'homme**. Paris: Aubier, 1960.
- LOPES, M. I. V. (Org.). **Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2015c.
- LOPES, M. I. V. **Mercado de trabalho dos egressos dos cursos de Comunicação Social no Brasil**. Resultados de uma pesquisa nacional de diagnóstico e avaliação. 1998. Tese (Livre-docência) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

- LOPES, M. I. V. **O rádio dos pobres**: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social. São Paulo: Loyola, 1988.
- LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. Formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990. [2014, 12. ed.].
- LOPES, M. I. V. Pesquisa em comunicação. Formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990. O estado da pesquisa de comunicação no Brasil. *In*: LOPES, M. I. V. (Org.). **Temas contemporâneos em comunicação**. São Paulo: Edicom; Intercom, 1997.
- LOPES, M. I. V. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, v. 1, 2003.
- LOPES, M. I. V. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, v. 3, n. 1, 2009b.
- LOPES, M. I. V.; BORELLI, S. H. S.; REZENDE, V. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.
- LOPES, M. I. V.; ROMANCINI, R. Teses e dissertações: estudo bibliométrico na área da Comunicação. *In*: POBLACIÓN, Dinah *et al.* (Org.). **Comunicação & Produção científica**. São Paulo: Angellara, 2006b. p. 139-161.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Pistas para entre-ver meios e mediações**. Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001. (Novo prefácio).
- MARTÍN-BARBERO, J. Uma aventura epistemológica. **MATRIZES**, v. 2, n. 2, 2009.
- VATTIMO, G. **A sociedade transparente**. Lisboa: Relógio D'Água, 1992.